

Chamando os ventos: por uma cartografia dos assobios na web¹

Marcelo Rodrigues SILVA²

Enderson OLIVEIRA³

Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Nesta pesquisa, resultado do trabalho de conclusão de curso desenvolvido nos últimos meses de 2018, abordamos práticas enredadas pelos devaneios que alimentam a imaginação criadora. A partir da análise exploratória e observacional, utilizamos a Etnografia Virtual para cartografar a ocorrência, em territórios rizomáticos, da prática envolvendo a ação de assobiar para chamar os ventos, sua relação com o imaginário individual e coletivo, bem como a relevância com que o assunto é pautado na rede digital. O percurso dialógico traçado entre Comunicação e Antropologia procura analisar como a atividade de assobiar chamando os ventos ocorre na internet, como é realizada a troca desse conhecimento e dessa experiência nesse espaço, e de que maneira essas interconectividades podem influenciar no processo comunicacional e/ou na perpetuação desses saberes entre seus interatores.

Palavras-chave: Cartografia dos assobios, chamando os ventos, etnografia, imaginário, memória.

Considerações iniciais

O disparador para as primeiras incursões sobre o tema desta pesquisa ocorre em dois momentos bastante distintos. Primeiro, quando de uma conversa, no ano de 2007, com o artista paraense Armando Queiroz⁴, grande amigo e incentivador de nossa produção no campo das artes visuais. Por ocasião deste encontro, foi cogitada a possibilidade da realização de um vídeo arte sobre esses assobios chamando os ventos, o que não chegou a ser concretizado, ficando somente no plano das ideias. Foi assim que em 2018, onze anos após esse comungar de percepções, apresentamos, ao término do sétimo semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, um artigo para a disciplina Mídias Digitais,

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda na Faculdade Estácio do Pará/ Belém – FAP.

³ Jornalista, professor na Faculdade Estácio do Pará e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará. E-mail: enderσον.oliveira@gmail.com.

⁴ ARMANDO Queiroz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20510/armando-queiroz>>. Acesso em: 14 out. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ministrada pelo Prof. Me. Enderson Oliveira, dando início à pesquisa etnográfica que teve como objetivo localizar no ciberespaço referências que denotassem essa prática de assobiar para chamar os ventos.

Assobiar chamando os ventos é uma atividade inerente à imaginação de sujeitos que praticam esse saber de forma individual e/ou coletiva. Por intermédio da ação associada ao imaginário, é possível vislumbrar os horizontes onde o bóreas, o euro, o noto, o geral, o terral que, dentre tantos ventos, conectam-se para abraçar o mundo. Tal prática não é datada, conquanto sua atividade se realiza em espaços onde a transversalidade desse saber é engendradora. Por ser uma atividade presente em diferentes culturas, o hábito de chamar os ventos possui relevância em práticas ritualísticas, no imaginário popular, em processos comunicacionais ou formas complementares de linguagens⁵.

O que propomos neste artigo é o mapeamento desses assobios a partir das conexões estabelecidas no ambiente do ciberespaço. Na construção de um diálogo entre comunicação e antropologia, utilizamos postagens que servem como estímulos para que sujeitos interajam e postem suas experiências com assobiar chamando os ventos. Além disso chamamos a atenção para um possível desaparecimento dessa prática em virtude de já não ser algo tão recorrente nos espaços físicos onde geralmente se verificava sua ocorrência.

Para Bachelard (1990, p. 234), “há atividade da imaginação quando há uma tendência a passar ao nível cósmico”, por meio da livre manifestação do imaginário. Conceitos dos Campos do conhecimento científico como a Comunicação, a Antropologia e a Filosofia irão possibilitar o desenvolvimento do escopo teórico neste trabalho que envolve categorias como culturas, saberes, magia, mitologia, valorizando na essência tanto o que é e o que não é considerado científico, o que está em outros planos da subjetividade humana e que por vezes alcançam plataformas na web e redes sociais.

Percursos metodológicos

Esta pesquisa analisou a presença do referido tema (“chamar os ventos”) em plataformas midiáticas. Por explorar o ambiente digital, o método de pesquisa utilizado foi adotado com base nas metodologias voltadas à pesquisa para internet. Sendo assim, a etnografia virtual foi utilizada para direcionar as etapas de análise dos sites selecionados. Para Recuero (2012, p. 115) “esse tipo de estudo tem um cunho estruturalista e parte do princípio

⁵ Segundo Peirano (2002), eventos rituais combinam as dimensões do viver e do pensar: neles se resolvem conflitos, solucionam-se divergências, transmitem-se conhecimentos e revelam-se cosmologias.

de que, ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais, é possível compreender elementos a respeito desses grupos”.

Utilizamos a etnografia virtual no âmbito da internet compreendida como tecnologia midiática geradora de práticas sociais, objetivando “favorecer a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte (...)” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 42 *apud* POLIANOV, 2013).

Iniciamos a pesquisa incursionando pelo universo das mídias digitais, procurando identificar, através da busca por palavras-chave, postagens que fizessem qualquer referência ao ato de assobiar para chamar os ventos. As incursões trouxeram-nos novos dados e uma nova tessitura foi engendrada possibilitando-nos, também, a realização de um produto audiovisual elaborado a partir dos endereços acessados e das conexões estabelecidas com os sujeitos interconectados à rede digital. Utilizando como via de comunicação o aplicativo *WhatsApp* e o *site Facebook*, produzimos um documentário experimental contendo alguns dos depoimentos que nos foram enviados por meio dessas mídias⁶.

Como parte da pesquisa, publicamos no *Facebook*⁷ um convite solicitando das pessoas a postagem de algum comentário sobre sua experiência com assobios chamando os ventos. Essa iniciativa possibilitou a identificação e interação com os sujeitos que, após troca de mensagens pelo *WhatsApp*, aceitaram contribuir com o projeto. Em mensagens trocadas via aplicativo *WhatsApp* e pelo *Messenger* do *Facebook*, foram repassadas algumas orientações aos interatores para que, como parte da pesquisa, gravassem um arquivo em áudio narrando suas experiências com o assobio e, se houvesse interesse, o registro em vídeo de uma ação envolvendo a prática de chamar os ventos, utilizando como dispositivo para transferência de dados seus aparelhos *smartphone*. Parte da produção foi implementada com a realização de gravações em algumas locações externas, tendo como objetivo captar imagens e áudios para integrar a ambiência que permeia o produto audiovisual.

Ventos, memória e imaginário

Por entender e saber que assobiar para chamar os ventos é um tema pouco observado nos dias atuais, porém vivo no imaginário daqueles que o praticam, decidimos averiguar como o assunto é abordado nos espaços virtuais. Através das informações levantadas em pesquisa

⁶ A realização do documentário experimental **Chamando os Ventos: por uma cartografia dos assobios**, teve o apoio do Governo do Estado do Pará, através do Projeto SEIVA, onde foi contemplado com a bolsa de pesquisa e experimentação artística ofertada pela Fundação Cultural do Estado do Pará, no ano de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kWf5VbchH9k&t=17s>>.

⁷ Publicação de convite no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kWf5VbchH9k&t=17s>>.

de caráter etnográfico, foi possível mapear o conhecimento e a prática desta ação no ciberespaço e localizar indícios de que o assobio para chamar os ventos é uma prática conhecida, porém pouco difundida, mas comentada e transmitida em alguns dos *links* visitados. Os registros verificados reforçam a oralidade como o principal veículo de transmissão e perpetuação deste conhecimento presente no conteúdo das postagens encontradas nos sites analisados.

Em décadas passadas, nas rodas de empinar papagaio, nos trabalhos agrícolas, nas atividades domésticas, nas reuniões e conversas de família, era comum ouvir alguém assobiando para chamar os ventos. Os objetivos podiam ser de natureza diversa: trazer os ventos para diminuir o calor; empinar rabiolas, papagaios; auxiliar na queima do roçado; indicar a direção de animais silvestres; secar as roupas no varal; realizar rituais de magia; trazer e afastar as nuvens de chuva; inflar as velas das embarcações; derrubar as frutas das árvores; lembrar algo que marcou um determinado momento da vida; estabelecer conexões com a natureza.

Quando e onde tem início essa atividade não é possível saber ao certo. Talvez tenha sua origem na África, berço das humanidades e matriz cultural para inúmeras civilizações. Contudo, essa assertiva não pode ser validada em decorrência da inexistência de pesquisas sobre o tema. A prática de assobiar chamando os ventos, há muito deixou de ser algo comum e o som desses assobios está cada vez mais ausente nos meios onde a sua presença era percebida com maior frequência. Um indício de que esse som, que há tanto tempo compõe o imaginário popular, encontra-se em vias de desaparecer. Precisar o motivo real para esse possível desaparecimento requer estudos mais profundos, não cabendo tal análise dentro da proposta apresentada nesse trabalho.

A construção dessa cartografia de saberes sobre os assobios chamando os ventos vai sendo tecida em um ambiente cultural densamente híbrido, permeado por ecologias distintas, ainda que interconectadas por sistemas, que possibilitam aos sujeitos dessa construção serem percebidos como agentes disseminadores dessa cultura. As vias para a construção dessa malha cultural surgem das interconexões desses saberes e do compartilhamento desse imaginário que aqui representa o desejo de transcender com a natureza através do sopro que aspira comunicar-se com a materialidade do elemento ar por meio dos assobios chamando os ventos.

Por sua relação com o campo do imaginário, registros desse saber podem ser encontrados em obras literárias, publicações científicas, peças musicais, rituais de magia⁸, mitologias, com acepções tanto positivas quanto negativas. Marinheiros ingleses e de outros países faziam uso desta prática com a finalidade de conseguir gerar os ventos para encher de ar as velas das embarcações. De forma contrária, também lhe proibiam o ato, pois poderia atrair as tempestades⁹.

Chamar os ventos com assobios é uma prática que habita o imaginário de diferentes culturas e com finalidades distintas. A relação com o elemento ar é fundamentada nesta ação que vem sendo perpetuada durante décadas. Os Canacas, da região dos Pirineus, segundo André Schaeffner (apud BACHELARD, 1990, p. 234), em um determinado período do ano usam o assobio para chamar os alíseos; jangadeiros chamam pelos ventos nas calmarias em alto mar; wiccas evocam o poder dos ventos em rituais de magia; o agricultor assobia quando faz calor ou durante a queimada para o preparo do roçado; em atividade lúdicas, como empinar rabiolas, o assobio é usado quando se quer chamar o vento geral. Essa dimensão mágica com o vento, via de regra, é transmitida oralmente e está relacionada com a cultura popular em sua materialidade e subjetividade.

“Meu pai usava o assobio para chamar o vento. Na queimada dos roçados, na época de julho, quando meu pai iria fazer a roçagem, três meses depois já estava seco. Meu pai usava o assobio para controlar o vento, para que tudo ocorresse certo (...) no seu trabalho de ‘queimagem’. Ele usava o assobio...ele fazia a estratégia: quando ele percebia aonde (...) o fogo não estava sendo no nível que seria para queimar totalmente o roçado, ele se aproximava e usava o assobio para atrair o vento praquela área. Então, ele sempre usava dessa forma.” (MARINHO, 2018)¹⁰

As imagens prospectadas pelas memórias contidas no repertório vivo, narrado por Marinho, denotam que “o imaginário cria imagens, mas apresenta-se sempre como algo além de suas imagens, é sempre um pouco mais que suas imagens” (BACHELARD, 1990, p. 2).

⁸ Primeiro, olhe para a direção apropriada ao período do ano: no inverno, tente o Vento Norte; na primavera, tente o Vento Leste; no verão, tente o Vento Sul; no outono, tente o Vento Oeste. Volte-se para a direção adequada e solte um longo e agudo assobio, descendo de tom no final. Repita três vezes. Disponível em: <<http://magia--wicca.blogspot.com.br/2012/07/magia-natural-magia-do-ar.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

⁹ De acordo com o jornal A TRIBUNA (1960). Era comum levar a bordo um garoto cuja função era de chamar o vento. A nota ainda faz referência a outras crendices como: Assobiar a noite pode atrair cobras que estão por perto; três assobios atraem o vento de terra ou do mar, conforme a entonação; nos Xangôs pernambucanos, assobiar atrai os “eguns” (alma dos mortos); assobiar nos cemitérios põe em alvoroço as almas e pode fazê-las errar pelos arredores; assobiar durante o sono é sinal de que se está sendo procurado pela morte. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=tematico&pagfis=9933>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

¹⁰ Depoimento concedido por MARINHO em junho de 2018. Entrevistador: Marcelo Rodrigues Silva. BELÉM/PA, 2018.

Pelos ventos na web

Inicialmente, procedemos à estruturação dos dados coletados. Apesar de todos os *links* encontrados apresentarem alguma referência sobre assobios chamando os ventos, a busca principal nessa primeira fase era por *links* onde fosse possível aos interatores opinar ou relatar alguma experiência pessoal sobre o tema.

A partir desse recorte, foram selecionados três *links* para a análise levando em consideração a forma como o tema é tratado, a ênfase dada ao ato de assobiar para chamar os ventos, o número de visualização (quando houver), a quantidade de comentários e o que é relatado pelos indivíduos através de suas postagens. Deste modo, foi possível ter uma visão de como a temática é abordada no ambiente digital entre os sujeitos que, em algum aspecto, demonstraram interesse pelo assunto.

Foram mapeados sites de notícias, entretenimento, blogs, redes sociais e outros, tendo como foco o ato de assobiar e o conhecimento sobre tal prática, independente do seu objetivo ao realizá-la. Pelo fato da pesquisa ter como lócus o ambiente digital onde a fonte de dados é extensa, houve a necessidade de realizar a coleta em um período fechado, de março a julho de 2018, totalizando 45 *links* encontrados abordando o tema de diversas formas, e disponibilizados através de *sites* de notícias, *blogs*, canais no *YouTube*, *e-book*, páginas em redes sociais, outros.

Cada uma das postagens recebidas via aplicativo para troca de mensagens, *WhatsApp*, site de relacionamentos, *Facebook*, endereço eletrônico, possui um sopro de ar movente e envolvente, capaz de transitar em qualquer espaço, seja “real” e/ou virtual.

Na primeira etapa, atuando de forma eminentemente observacional, complementada pela pesquisa documental, as informações foram obtidas alternando períodos de busca e análise do material catalogado. De posse dos dados levantados na rede mundial de computadores, deu-se início à segunda etapa na formatação do trabalho começando a pesquisa exploratória e, desta feita, com uma postura mais participativa, interagimos com os sujeitos através do envio de *e-mails* e de postagens nos *sites* de relacionamento, para obter respostas nos endereços que possuíam alguma referência sobre o tema possibilitando-nos mapear territórios e definir zonas de atuação. Utilizando essa dinâmica foi que chegamos à página do “Grupo Imbaúba”, formado por músicos do Amazonas, que pesquisa as sonoridades e os temas relacionados aos saberes daquela região. No disco “Mãe Terra”¹¹, encontramos o

¹¹ “Mãe da Terra – Grupo Imbaúba e o Poeta Celdo Braga”. Disponível em: <<http://www.imbauba.art.br/disco-mae.html>>. Acesso em: 8 mai. 2018.

trabalho “Chamando o Vento”, título da música instrumental assinada por Celdo Braga¹². O assobio, que serve de base para a composição, Celdo Braga aprendera ainda criança, soltando pipas no município de Benjamin Constant, no interior do Estado do Amazonas. Também é tema de um de seus poemas.

“Eu chamo vento pela dor do canto / que às vezes canto como passarinho / sussurro leve, véu de luz cortante / ferindo passos de quem vai sozinho. Eu chamo o vento pra cantar a vida / esmaecida na curva do rio / penas no tempo, pássaro ferido / nas revoadas dos meus assovios. Eu chamo o vento, vagalume longe / vago desertos querendo me achar / depois de tudo quero ser morada / dos passarinhos que aprendi cantar.” (Celdo Braga, 2009)

De igual maneira, destacamos o blog de Mariana Gouveia e seu delicado texto poético “Vento, vento...”¹³, narrando o ato imaginário da menina que queria aprisionar em uma garrafa o pé de vento que habitava o quintal de sua casa.

“Minha mãe dizia que o vento era leve – como paina que vira travesseiro para os sonhos – e que carregava os medos e os sonhos maus. Era coisa pra se apaixonar esse tal de vento.

Um dia, eu quis aprisioná-lo. Só para mim...Leveza era bom ter guardado para as horas difíceis. Peguei uma garrafa e coloquei no meu quintal – no meu quintal, tinha um pé de vento – e fiquei horas ali a esperar que o vento entrasse garrafa adentro. Foi quando minha mãe percebeu minha intenção e disse que vento era para ser livre. Tinha de percorrer lugares, levantar saias das meninas e só assim o vento tinha razão de ser. Minha mãe, em seu estado de fé, me disse que o vento era o Espírito do Santo e quando eu quisesse que ele aparecesse, bastava assoviar. Era uma mandinga para fazer ventar. E ainda por cima, cultivar a fé na leveza da alma. Tem sido assim meus dias. (...)” (Mariana Gouveia, 2016)

Por sua característica ubíqua o ar penetra em diferentes formas de socialização, cria modelos onde a imaginação projeta-se a partir de espaços destinados ao compartilhamento de novas visões de mundo. Mariana Gouveia, por meio de sua crônica, materializa o imaginário em sua poética, verticalizando suas experiências em modelos de relacionamento existentes no ciberespaço. Seu processo criativo dialoga com a malha cultural tecida em construções textuais e formas imaginárias, manifestação da “necessidade essencial de *novidade* que caracteriza o psiquismo humano” (BACHELARD, 1990, p. 2).

¹² Formado em Letras pela PUC-RS, Celdo Braga, nascido no município de Benjamin Constant, no Amazonas, é membro da União Brasileira de Autores.

¹³ GOUVEIA, Mariana de Lourdes Silva. **O outro Lado – Porque o melhor lado é o de dentro**. “Vento, vento...”. Cuiabá, 05 nov. 2016. Disponível em: <<https://marianamegouveia.wordpress.com/2016/11/05/vento-vento/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Cardoso, Santos e Vargas (2009, p. 22), apontam para o surgimento de novos códigos, de novos espaços de interação, refletindo um novo comportamento e uma produção diferenciada de elementos simbólicos a partir “do processo de desindividualização” (MAFFESOLI, 2000, p. 8-9 apud CARDOSO, SANTOS E VARGAS, 2009, p. 22), caracterizado pela necessidade do sujeito em identificar-se com determinados grupos, conquistando espaços de fala em cenários onde, antes, essas tribos urbanas tinham suas identidades culturais invisibilizadas pela falta de acesso aos meios de comunicação. Nesse processo de globalização dinamizam-se as interações entre diferentes territórios culturais, criando possibilidades para que cada cultura, na busca de resultados, concorra “para manusear, reutilizar, adaptar ou recriar padrões globalizados” (CARDOSO, SANTOS E VARGAS, 2009, p. 23).

Como dito anteriormente, o cenário escolhido para a realização da pesquisa foi o das janelas no ciberespaço, na perspectiva de mensurar qual seria o alcance do tema envolvendo o elemento ar e a prática de assobiar para chamar o vento no universo das mídias. Utilizando postagens de vídeos no *Facebook* objetivamos identificar entre os seguidores da página aqueles que teriam maior afinidade com esse assunto.

Assim, a utilização das formulações referentes à etnografia virtual foi decisiva na condução da análise dos *links* pesquisados. O uso dessa ferramenta foi de fundamental importância durante o processo de busca por conectividades que nos possibilitassem localizar, dentro do espaço virtual, depoimentos corroborando com nosso objetivo de promover no ciberespaço “a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo mas atinja também um público extra-acadêmico.” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 198-201 apud POLIVANOV, 2013, p. 7).

Além das plataformas já observadas e citadas acima, também foi possível perceber certa recorrência na discussão ou mesmo citação à prática de chamar os ventos em:

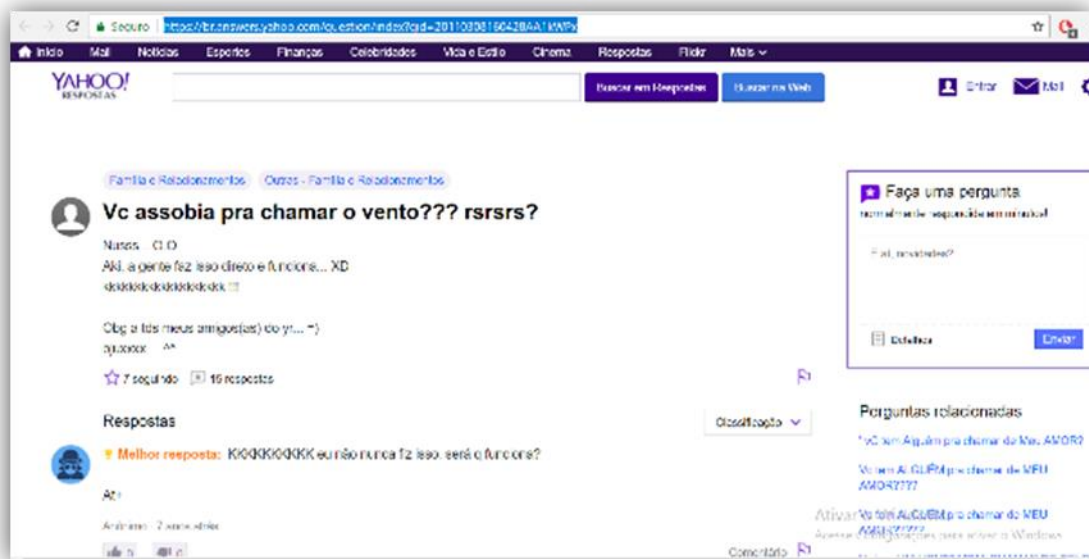
Yahoo! Respostas (2010)¹⁴

O primeiro *link* analisado foi do *Yahoo! Respostas*, site que promove a interação entre os participantes através de dúvidas que podem ser esclarecidas por outros leitores. No site, um leitor, conforme apresentado na Figura 1, fez a seguinte pergunta: “Vc assobia pra chamar o vento?” (sic). Ainda na pergunta o leitor narra um pouco da sua experiência, contando que no

¹⁴ *Yahoo!* Respostas. Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110308160428AA1kWPx&page=1>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

local onde ele mora essa prática é frequente, e funciona. A pergunta recebeu quinze respostas, onde duas delas foram de dúvidas, com leitores que perguntavam se isso realmente funcionava. Oito comentários falavam sobre o tema, mas não afirmavam a prática, apenas destacavam comentários pessoais como o fato de não saber assobiar. Cinco respostas foram de afirmação, de pessoas que praticam ou que já presenciaram a prática. Destes, foi possível encontrar relatos como: “Conheço gente que faz e funciona, incrível!”; “Sim. Pois a brisa dos céus vem com muita pressa.”; “Sim, o vento vem quando assobiamos, é certo desde o tempo da vovó. Ela q me ensinou”.

Figura 1 - Site Yahoo! Respostas



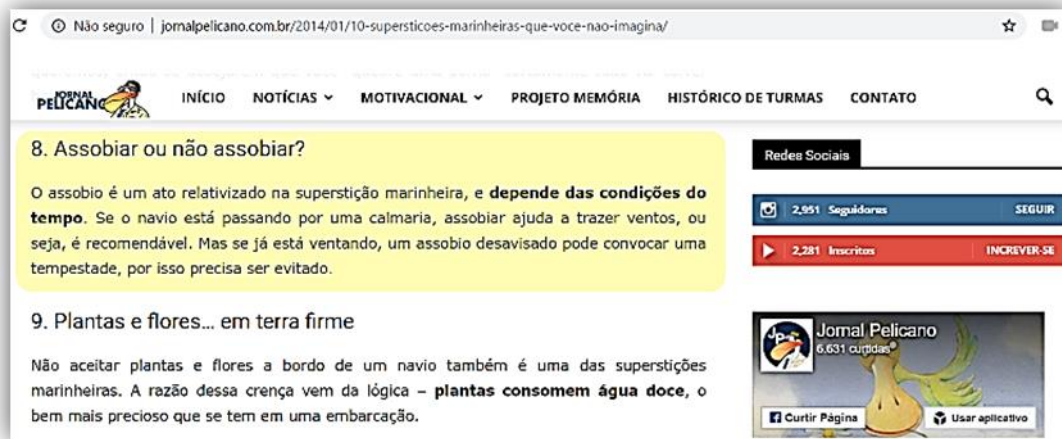
Fonte: Captura de tela do *site* Yahoo! Respostas
(<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110308160428AA1kWPx&page=1>)

O *site* Yahoo! Respostas, recebe diversas perguntas diariamente. O fato de encontrar uma pergunta sobre o tema foi importante para a pesquisa, pois demonstra que o assobio para chamar vento é uma prática social e simbólica que vem se mantendo na atualidade, sendo como lembranças, ou por intermédio de postagens que indiquem, mesmo com menor ocorrência, a frequência com que o tema é abordado. Essa condição faz da web um ambiente propício à busca por referências tratando sobre os assobios chamando os ventos, pois que a rede digital é um campo favorável ao uso da etnografia virtual.

Jornal Pelicano (2014)¹⁵

O *site* é um canal de notícias dos alunos da EFOMM - Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Nele, é possível encontrar diversas notícias, voltadas não somente para os alunos da EFOMM, mas para o público em geral. Uma das notícias postadas, conforme Figura 2, recebeu o título de “10 Superstições Marinheiras que Você não Imagina”. No texto, o autor fala sobre a vida do marinheiro, cercada por inúmeras superstições, mitos, lendas e crenças bem peculiares, listando uma série de mitos e lendas que cercam o imaginário marítimo (imagem abaixo).

Figura 2 – Site Jornal Pelicano



Fonte: Captura de tela do *site* Jornal Pelicano (<http://www.jornalpelicano.com.br/2014/01/10-supersticoes-marinheiras-que-voce-nao-imagina/>)

O assobio para chamar vento está presente na lista, sendo descrito da seguinte forma: “Assobiar ou não assobiar? O assobio é um ato relativizado na superstição marinheira, e depende das condições do tempo. Se o navio está passando por uma calmaria, assobiar ajuda a trazer ventos, ou seja, é recomendável. Mas se já está ventando, um assobio desavisado pode convocar uma tempestade, por isso precisa ser evitado.” No texto, o autor apresenta as duas formas vistas pelos marinheiros acerca do assobio para chamar vento, a primeira é o assobio como forma de ajudar no ritmo de navegação do barco, e a segunda é algo para ser evitado, pois segundo o texto, pode trazer uma tempestade. O texto demonstra que o hábito está presente entre os marinheiros, e que a sua prática vem de tempos passados, mantendo-se no imaginário dos novos marinheiros.

¹⁵ Jornal Pelicano. Disponível em:

<<http://www.jornalpelicano.com.br/2014/01/10-supersticoes-marinheiras-que-voce-nao-imagina/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

O texto recebeu três comentários, sendo que um deles aborda o tema em questão, onde ele relata outra forma de chamar o vento: “Uma outra forma interessante de “chamar mais vento”, além do citado assobio, é através de xingamentos diretos direcionados ao Rei dos mares. Mas cuidado pra não exagerar na dose e acabar recebendo mais vento do que pode aguentar!”. O comentário demonstra que o leitor acredita na prática do assobio para chamar vento, não revelando ser um costume pessoal, mas confirmando que a prática está presente, de alguma forma, em seu imaginário ou no próprio cotidiano.

Destacamos aqui, o que dizem Rocha e Eckert (2000, p. 76) sobre a condição da memória como fonte de reconciliação do sujeito com sua imaginação criadora. Segundo as autoras:

“(...) é através do campo da investigação antropológica, eternamente construindo para dar conta da compreensão, ao mesmo tempo, universal e singular das experiências humanas, e onde o próprio fazer antropológico se situa, que se procura aqui desfazer as teses reducionistas que não atingem a compreensão das curvaturas do tempo da memória e, portanto, não vislumbram que é no interior dos seus jogos que é possível, ao sujeito humano, sempre e eternamente, reintegrar um tempo perdido, reconciliando vida e matéria.”

Amino (2017)¹⁶

O Amino, conforme Figura 3, é um aplicativo com diversas comunidades, onde o visitante pode navegar e encontrar a comunidade do seu interesse. Uma das comunidades encontradas é a *Wicca* e Bruxaria, comunidade pagã *Wicca*. Uma das postagens compartilhadas nesta comunidade é intitulada “Chamando Vento”. O texto aborda o tema da meditação, aliada ao ato de chamar o vento para atrair boas energias e se conectar com a natureza. Nele, o autor ensina como chamá-lo: “com toda esta energia gerada assovie, 3 vezes, crescendo a expressão de baixo para cima prolongadamente [...], sinta a energia nisso e talvez vc se surpreenda com a força do vento a partir disto magia é sentimento, sinta que aconteceu !!!”

No texto é possível notar que o autor pratica o que está ensinando, ou seja, possui o hábito de assobiar para chamar o vento, com o objetivo de trazer boas energias após a meditação. Além do autor do texto, identificamos um comentário de um leitor que confirma a prática, relatando-a da seguinte forma: “Eu me concentro bem me conecto com a natureza e chamo o vento”. Associamos esse processo à necessidade de conectar-se com as forças da natureza. Sobre essa relação, Bachelard (1990, p. 112) afirma que, “Imaginação e Vontade

¹⁶ Aplicativo Amino. Disponível em: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/chamandovento/WJKX_pQNFxukRRnad8ZxbaB6gQEx2ZIKLEb. Acesso em: 14 jun. 2018.

são dois aspectos de uma mesma força profunda. Sabe querer quem sabe imaginar. À imaginação que ilumina a vontade se une uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina”.

Figura 3 – Aplicativo Amino



Fonte: Captura de tela do aplicativo Amino

(https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/chamandovento/WJKX_pQNFYukRRnad8ZxbaB6gQEx2ZIKLEb)

Apesar de o texto conter apenas um comentário (imagem acima), a comunidade possui um grande número de participantes, alcançando mais de 40 mil seguidores no aplicativo Amino. Dessa forma, apesar de poucos seguidores comentaram na postagem, o número de visualização é alto, o que nos leva a entender que a postagem obteve um número favorável de visualização, podendo gerar curiosidade entre eles e até a possível prática do assobio para chamar o vento.

Considerações finais

Como vimos ao longo deste breve artigo, que condensa parte dos resultados discutidos no trabalho de conclusão de curso desenvolvido nos últimos meses de 2018, tais manifestações possuem objetivos que vão para além do simples ato de assobiar e estão também relacionadas às crenças religiosas de alguns grupos sociais, às lembranças de momentos vividos, ao desejo de conectar-se com a natureza, ou na necessidade de exprimir essa vontade, compartilhando-a através de novos territórios de permanência suscetíveis à imaginação.

Pesquisar os assobios chamando os ventos é relevante no que concerne ao registro de uma cultura transmitida eminentemente por meio de narrativas orais. Trata-se aqui de uma expressão identitária envolvendo o imaginário de diferentes povos de saberes distintos.

Atuando pela força da imaginação que representa, “no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade” (BACHELARD, 1990, p. 1), assobiar chamando os ventos é expressão da identidade e do sentimento de pertencimento evidenciado entre aqueles que praticam e propagam esse saber. Daí a necessidade de se realizar uma etnografia virtual¹⁷ para entender a forma como se constrói esse imaginário e a maneira como é abordado nessa ecologia digital, como apresentamos neste texto.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CARDOSO, João Batista F.; SANTOS, Roberto Elísio dos; VARGAS, Heron. **Mutações da cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2009.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

ESCÓCIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GALVÃO, Pedro. **Bissétimo: mais o Bissexto revisto**. São Paulo: Escrituras, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=gZjLDQAAQBAJ&pg=PA45&lpg=PA45&dq=a+rabiola+chinou&source=bl&ots=ljvEMGGUOY&sig=tjGuq1kdyFH5EPgeWKUs8RwJGI8&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjug6m_sKbdAhVLjJAKHUXZDRcQ6AEwBnoECAUQAQ#v=onepage&q=a%20rabiola%20chinou&f=false>. Acesso em: 06 mar. 2018.

POLIVANOV, Beatriz. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet**. Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Os jogos da memória**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 71-84, jan. 2000. ISSN 2175-8034. Disponível em:

¹⁷ De acordo com Braga (2007), a netnografia leva em conta as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais.

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14640/13389>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

WUNENBURGER, Jean-Jaques. **O imaginário**. Loyola: São Paulo, 2007.